

# ASTRÉA



ORDO AB CHAO



DEUS MEUMQUE JUS

ORGÃO OFFICIAL DO SUPREMO CONSELHO DO BRASIL

ANNO IV - N. 9

SETEMBRO 1930

## SUMMARIO

Mensagem do Sob.: G.: Comn.: - Re-  
sumo da sessão realizada em Setem-  
bro - Parcer da Comissão de Jurir-  
prudencia - Correspondencia Official  
In Memoriam - Questinario - Noti-  
ciario - Os Mystérios Antigos e a  
Maçonaria Moderna - (continuação)  
A Infalibilidade do Papa (continuação)

# “ASTRÉA”

Esta Revista, de character exclusivamente maçonico, será publicada mensalmente.

E' *Orgão Official* do Sob.º. Sup.º. Cons.º. do Gr.º. 33.º. do Rit.º. Esc.º. Ant.º. e Acc.º. para os Estados Unidos do Brasil.

Além da materia propriamente official publicará esta Revista artigos abrangendo todos os assumptos maçonicos e os que á Maçonaria puderem interessar.

A collaboração é livre para todos os Hr.º. sujeita, porém, ao criterio da direcção.

## PREÇO DE ASSIGNATURA

### *Brasil*

|                     |         |
|---------------------|---------|
| Anno .....          | 20\$000 |
| Numero avulso ..... | 2\$000  |

### *Estrangeiro*

|                                            |         |
|--------------------------------------------|---------|
| Anno .....                                 | 30\$000 |
| Numero avulso .....                        | 3\$000  |
| Collecção completa do 1.º, 2.º ou 3.º anno | 30\$000 |

PEDIMOS PERMUTA — WE BEG EXCHANGE — SE RUEGA CANJE

Toda correspondencia deve ser dirigida á

**Caixa Postal n. 2.486**

**RIO DE JANEIRO**

**BRASIL**

# ASTRÉA

REVISTA DE ESTUDOS MAÇONICOS

Orgão Official do Sob.: Sup.: Cons.: do gr.: 33° do Rit.: Esc.:  
Ant.: e Acc.: para os Estados Unidos do Brazil.



PARTE OFFICIAL

## Mensagem do Sob.: Gr.: Comm.: Dr. Mario Behring

Tenho a honra de apresentar-vos, mais uma vez, o relatório dos factos que a este Alt.: Corp.: interessam, relativos ao exercicio findo de 1929-1930.

Nem um caso de morte ocorreu nesse periodo.

A vida tranquilla deste Alt.: Corp.:., que vae, a pouco e pouco, reconstruindo o Rit.: Esc.: no Brasil pela disseminação dos Corpos Subordinados e, dentro destes, pela pratica dos principios maçonicos, é o resultado da politica, por este Sup.: Cons.: adoptada, de agir exclusivamente em seu campo de acção — a Maçonaria Philosophica — que requer espiritos já despidos de certos preconceitos intolerantes, de vibratilidade combativa que, em geral, se encontram naquelles que, penetrando os humbraes de um Temp.: Maçon.: e mal compreen-

dendo o alto significado dos symbolos, atravez dos quaes se executa toda a obra da Arte Real, ou movidos por interesses que os prendem á vida profana, buscam introduzir reformas condicentes *com o espirito moderno no archaico aparelhamento dos FF.:. da V.:. , de sorte a tornal-o apto para agir no seio da Sociedade Humana.*

Essas illusões de gentes mal orientadas são as geradoras de quasi todas as perturbações por que tem passado a nossa Inst.:. aqui e fóra d'aqui, em terras varias, reveladoras todas de que si as iniciações persistem, raros continuam a ser, entretanto, os iniciados.

A vida da Maç.:. no Brasil é um claro exemplo disso.

Desde os seus primordios, nós a vemos — méros agrupamentos politicos apenas, levemente acobertados com o diaphano véo da organização maçonica — imiscuindo-se nas lutas e nas competições ora da politica, ora da religião, factores de aggravos e de hostilidades que, não poucas vezes, resultavam em scições e enfraquecimento consequente.

Nem o nosso proprio grupo escocez escapou do influxo dessas lutas como já tive occasião de fazer vêr em artigos publicados em nosso Orgão Official.

Creado por politico militante, filiado a uma corrente fortemente partidaria, o Supremo Conselho Montezuma, com a introduccção, em seu seio, de elementos dessa corrente politica, decorridos mezes apenas de sua installação, tinha de expellir muitos dos seus MMemb.:. EEf.:. entre elles o seu proprio fundador, por essa forma deposto do cargo de Gr.:. Comm.:. .

Analysando imparcialmente a acção da Maçonaria no Brasil, teremos de confessar que pouco, muito pouco, fez até aqui. Devemos ter a coragem dessa confissão, de preferencia a nos affirmarmos credores da gratidão nacional por feitos que só existem na imaginação de uns poucos de Ilr.:. , oradores das solemnidades maçonicas, que batem sempre nessas teclas já gastas, uem uma prova offerecendo, porém, das affirmações precipitadas que só pôdem conduzir ao ridiculo.

Dentro dos templos maçonicos creou-se, com o correr dos tempos, uma atmospherá favorável á disseminação dessas me n

tiras historicas sempre repetidas e, por isso mesmo, acreditadas por espiritos menos reflectidos. E, por isso mesmo que o presente nada offerencia de empolgante e de grandioso, as gerações de agora se nos mostram como que fakirisadas na contemplação das glórias dos dias de antanho, bem semelhantes, aliás, aos dias que correm.

Não temos falsas vergonhas de dizer semelhantes verdades. Devemos, antes, confessal-as, porque si erros, a sua correcção está em nossa vontade, mudar de rumo está em nossas mãos.

O Sob.°. Sup.°. Cons.°. viveu, durante muitos annos, sombra apagada que era, jungido á orientação anarchica do Gr.°. Or.°, sem vóz activa em uma administração que se revelava, cada dia passado, mais antagonica em sua orientação com os principios que regem o Escocismo.

Foi mister que os nossos IIIr.°. de outros paizes viessem fazer vibrar echos adormecidos em nossos templos, chamando-nos a postos na Confederação dos Supremos Conselhos, para que despertasse a nossa consciencia e assumissemos, depois de tantos annos, a posição em que ora nos achamos — Corpo Director do Rit.°. no Brasil.

Isso não se realisou sem luctas, apesar de todos os nossos esforços para que, em vez de uma revolução, se fizesse, apenas, a evolução natural dentro da Unidade Maçonica.

Não o quizeram compreender os nossos adversarios de hoje.

Foi mister operar-se a separação.

Fizemol-a, fortes de nossos direitos, certos de que iamos trilhando via segura e sem impecilios.

Estes não surgiram, de facto. E temos, hoje, o Supremo Conselho prompto a realizar no Brasil a obra maçonica que lhe está especialmente confiada quer pelas tradições do Rit.°. já pelas resoluções das successivas Conferencias Internacionaes, obra maçonica de character nacional como de character internacional e que só póde ser effectivada si, pela educação ritualistica, pelo curso dos grãos, escalas da sabedoria, nos fizermos os verdadeiros operarios que jamais teve a Maçonaria no Brasil.

O Rit.°, Esc.°, é a mais sabia das organizações humanas,  
Tomando o Mestre Maçon dos Ritos Azues aperfeiçoar-se

os conhecimentos symbolicos, fal-o cursar a philosophia das religiões do passado e do presente, preparando-lhe o espirito para pesquisar a verdade eterna entre os Mythos, levando, por fim, em trabalho de selecção, os aptos ás funcções administrativas, ás investiduras supremas de directores das tarefas impostas á Ord.: desde o seu nascimento até os dias que correm, em que cada vez mais se faz sentir a necessidade de uma orientação firme e decidida que auxilie a Humanidade a fugir dos perigos quer da tyrannia, quer da anarchia que a cercam ameaçadoras.

Parece que um sopro de loucura varreu a face do mundo depois da Grande Guerra.

E os ensinamentos desta de nada parece haverem servido, porquanto ahi temos, de novo, a paz armada, geradora do pauperismo europeu, fonte de odios e retaliações internacionaes, consumidora das economias dos povos, dos recursos materiaes das nações, das energias individuaes, das actividades dos mais aptos; paz armada que cobre as fronteiras de canhões e bayonetas, os mares de monstros de aço consagrados á destruição e ao morticínio.

E' á Maçonaria, como a outras instituições de character internacional, creadas para cultivar os principios de fraternidade, de solidariiedade humana, que cabe dar combate a essa monstruosa orientação que tem enchido o nosso planeta de ruinas e de luto.

Meditai bem na resolução votada pela ultima Conferencia dos Supremos Conselhos sobre o assumpto :

«Sómente pelo estabelecimento na consciencia humana da paternidade do Gr.: A.: D.: U.: e da fraternidade dos homens, poder-se-ão estabelecer solidamente os fundamentos de uma paz permanente e douradora, afim de que a harmonia reine entre os homens e entre as nações.

«Entre todos deve existir um amor geral, universal e uma confiança mutua inspirada e sentida profundamente.

«A paz deve promanar de uma fonte clara não turvada pelo odio, pelo egoismo, pela desconfiança, pela duvida.

«Grande é o nosso regosijo verificando o surto de um espirito novo que se desenvolve mais e mais na aurora de um dia mais brilhante para as relações nacionaes e hu-

liadas. Apoiamos calorosamente os esforços que vêm fazendo os representantes dos diversos governos do universo para o fim de restabelecer e tornar mais estreitos os laços de amizade e de bõa vontade.

«Os MM. . do Mundo inteiro não somente devem ser patriotas e bons cidadãos, mas, ainda, os advogados da paz mundial e os pioneiros da civilização pacífica.

«Renovamos, aqui, o nosso juramento de combater sem treguas pela educação e melhoria da Humanidade e buscar vencer a ignorância e a superstição.

«Os Delegados a esta Conferencia Internacional promettem solememente empregar, nos limites da legalidade, toda sua influencia e realizar todos os seus esforços para assegurar o triumpho da paz universal e para estabelecer no coração e na vida dos homens do mundo inteiro a gloriosa soberania do amor fraternal».

Instituto que desenvolve os seus trabalhos fóra e acima das preocupações de caracter politico e religioso, só exigindo dos seus Membros serem livres, de bons costumes e crentes em um Principio Superior que, glorifica na invocação ao Gr. . A. . D. . U. ., a Maçonaria, especialmente a do R. . E. . A. . A. . que foi o unico a adquirir o caracter de internacionalismo, campo ainda inatingido pelos outros Ritos trabalhados por dissensões internas e atreitos a um rigoroso formalismo que lhes embarça o desenvolvimento e os crystalisa em meros trabalhos de um ritualismo ôco de que mal se desviam para obras de simples philantropia de caracter local, a Maçonaria, repetimos, constituida, como deve ser, pela elite pensante da Humanidade, pôde e deve ser essa pioneira de que fala o voto da Conferencia de Paris.

A' sombra dos nossos Templos, educam-se os espiritos, e a generosa doutrina da fraternidade universal, da solidariedade humana nós MM. . a levamos para o campo das actividades de cada um, na politica, no jornalismo, na literatura, na administração, em um trabalho pertinaz, indefesso, que ha de resultar no maior beneficio que pôde ser conseguido pela Humanidade.

Nem uma associação está aparelhada como a nossa para isso. Basta que se disponham todos a trabalhar em conjuncto — a fazer Maçonaria.

No desenvolvimento de nossa Ordem dentro do paiz, estamos, nós do Supremo Conselho, pôde-se affirmar, iniciando uma obra nova.

Libertos de uma orientação acanhada, que era a negação da propria Maçonaria; adquirida a nossa liberdade de acção depois de por tantos annos aprisionados no seio de uma organização defeituosa e falha, cheia de vicios e de defeitos; reconhecida a nossa existencia legal pela unanimidade dos Supremos Conselhos, que, ainda recentemente, pelo voto da Conferencia de Paris, fulminou de irregular a Maçonaria do Lavradio, temos o campo aberto em nossa frente para orientarmos, emfim, a Maçonaria brasileira para seus novos e gloriosos destinos.

Essa tarefa nós temos de a realizar mais vagarosamente do que fôra nosso desejo.

Os vicios introduzidos na organização maçonica difficilmente os vamos extirpando.

O espirito de dedicação e de sacrificio, que temos de reclamar de todos os cooperadores desta tarefa que é a nossa no Brasil, só pouco a pouco vae sendo adquirido.

As longas distancias entre a séde e os Corpos Subordinados formam, ainda, outro factor que explicam certas hesitações nesse esforço que deve ser colectivo. Devemos, entretanto, confessar que, máo grado todos esses obstaculos, consideramos satisfeitos.

A reconstituição do Rit.º no Brasil vae-se fazendo atravez desses Corpos Subordinados que levam a palavra e a orientação deste Supremo Conselho até os mais reconditos centros do paiz. Incidentes que, porventura, occorram, desagradaveis como o de que foi theatro a Bahia nestes ultimos tempos, não nos devem desencorajar. São fructos do *virus* que buscamos espungir do organismo maçonico, adquirido em tantos annos de trabalho em commum. Lamentamos esses desvairios e... passemos adiante. Das occurrencias em materia administrativa falarão os relatorios dos IIIr.º. GGr.º. Secr.º. e Thes.º. do S.º. I.º.

\*\*\*

Meus IIIr.º., de pé!

Pela Maçonaria Universal. Pela Familia Escoceza espalhada por toda a superficie do Globo!



## Resumo da acta da sessão annual realisada em 10 de Setembro de 1930

### Expediente :

PRANCHAS : dos SSup. . CCons. . da Jurisdição Sul dos Estados Unidos e do Canadá convidando para assistirmos a reunião annual a realizar-se, respectivamente, em 24 do corrente e em 7 de Outubro proximo;

—do Sup. . Cons. . da Republica Argentina agradecendo a nomeação do M. . Ill. . Ir. . Santiago Grecco para nosso Gr. . Representante e Garante de Amizade junto a elle; communicando a nomeação do M. . Ill. . Ir. . Almirante Arthur Tompson para seu Gr. . Representante e Garante de Amizade junto ao nosso Sup. . Cons. . ;

—do Sup. . Cons. . do Paraguay sobre a proxima viagem do Pod. . Ir. . Dr. . Julio Prestes de Albuquerque a esse Paiz;

—do Sup. . Cons. . da Republica de Cuba enviando a lista triplice para a escolha de nosso Gr. . Representante e Garante de Amizade; tratando da futura reunião da Conferencia dos SSup. . CCons. . a realizar-se, em Havana, em 1934 ;

—do Sup. . Cons. . de Venezuela enviando a nominata de seus Dignatarios e Officiaes para o periodo maçonico de 1930 — 1935 ;

—do Sup. . Cons. . de França e Dependencias enviando exemplares de *Compte-Rendu* da Conferencia Internacional realisada, em Paris, de Abril a Maio de 1929 ;

—do Pod. . Ir. . 33º Manoel Serafim Gomes de Freitas agradecendo a sua nomeação para o cargo de Deputado-Inspector Liturgico do Rio Grande do Sul ;

—do M. . Ill. . Ir. . Dr. . Carlos Reis, Sob. . Gr. . Insp. . Liturg. . de S Paulo, communicando que, por doente, passára, temporariamente, a direcção da Gr. . Inspect. . ao seu Deputado-Insp. . Liturg. ., Pod. . Ir. . 33º Dr. Benjamim Reis;

—do Pod. . Ir. . Dr. . Amelio Dias de Moraes ponderando não haver infringido os EEst. . deste Sup. . Cons. . ;

—do Sup. . Cons. . da Austria communicando a passagem para o Or. . Eterno do M. . Ill. . Ir. . Béla L. Frank, seu Gr. . Exp. . ;

—dos SSup. . CCons. . do Mexico, da Jurisdição Sul dos Estados Unidos do America do Norte, das Republicas Argentina e de Cuba e de Hespanha sobre assumptos diversos.

## ORDEM DO DIA

O Sob.º Gr.º Comm.º, procede a leitura de sua Mensagem relativa aos factos occorridos no periodo de 1929—1930, que será publicada na integra no Orgão Official.

Parecer da Comm.º de Finanças sobre o Balanço Geral de 1929—1930, apresentado pelo M.º Ill.º Ir.º General Dr. Moreira Sampaio, opinando por sua approvação dadas a clareza e a perfeita documentação de todo movimento financeiro da Gr.º Thesour.º neste periodo. *Approvado unanimemente.*

Parecer da Comm.º de Jurisprudencia sobre o Manifesto-Supplica dos Corpos Subordinados da Gr.º Inspect.º da Bahia relativo á deliberação deste Alto Corpo passando para a classe dos Honorarios o Pod.º Ir.º Octaviano Bastos. A Comm.º depois de longamente analysar os factos que motivaram essa resolução e sentindo não poder ir de encontro os desejos dos CCorp.º SSubord.º da Bahia, opina pela manutenção do acto do Sup.º Cons.º, por ter si lo revestido de justiça e sabedoria. Depois da discussão, foi *unanimemente approvado*, devendo ser publicado na integra.

Proposta da Comm.º de Finanças sobre a situação financeira do Cap.º R.º C.º "Montezuna", ao Vall.º do Rio de Janeiro, opinando por um auxilio do Sup.º Cons.º a esse Corpo. *Approvada por maioria de votos.*

Foram concedidas as seguintes elevações, depois de bem estudados os respectivos pareceres:

Ao gr.º 30º, Cav.º de Kad.º, o Pod.º Ir.º Oswaldo de Borborema;

Ao Gr.º 32º, Principe do Real Segredo, os PPod.º IIR.º Ernesto Guy Kopschitz, Fernando Muller, Daniel Corrêa da Trindade, Dr. José Jayme Ferreira de Vasconcellos, Dr. Fernando Costa e Agostinho Ferreira de Figueiredo.

\*\*

## Parecer da Comissão de Jurisprudencia

A Comissão de Jurisprudencia do Sob.º Sup.º Cons.º do Gr.º 33º do Rit.º Esc.º Ant.º e Acc.º para os Estados Unidos do Brasil, examinando a defesa apresentada pelo Ill.º e Pod.º Ir.º 33º Octaviano de Menezes Bastos, bem como o Manifesto-Supplica feito a este Sob.º Sup.º Cons.º por IIR.º dos Corpos Subordinados da Jurisdição da Bahia, ambos referentes á passagem daquelle Ir.º de Membro Effectivo do Sob.º Sup.º Cons.º para a classe dos Honorarios e a sua consequen-

te destituição do cargo de Gr.: Insp.: Liturg.: dessa Jurisdição, é do seguinte

## PARECER

O Ill.: e Pod.: Ir.: Octaviano de Menezes Bastos commetteu falta maçônica gravíssima, quer quando, servindo-se do apoio de alguns Ir.: dissidentes, pretendeu enfraquecer ou mesmo adormecer a Grande Loja Symbolica da Bahia, quer elaborando um *tratado* a ser feito com o Grande Oriente do Brasil, em cujo artigo 2º se lê :

«Art. 2º.—A Grande Loja do Estado da Bahia reconhece o Grande Oriente do Brasil como legitima e regular potencia maçônica para todos os grãos que *ella* conceder.» (O Gripho é nosso).

*Ella*, quem?

A *legitima e regular potencia maçônica* (no caso o Grande Oriente do Brasil) ou a Grande Loja do Estado da Bahia?

Examinemos os dois casos :

No primeiro, a desconsideração a este Sob.: Sup.: Cons.: é patente, pois, concedendo o Grande Oriente do Brasil os grãos, em diversos Ritos, de 1º a 33º, reconhecê-los importa em considerar *legitimo* o «supremo conselho» mantido no seio do Grande Oriente do Brasil, o que é inconcebível por parte de um legitimo e regular Grande Inspector Geral, maximé quando este é Membro Effectivo do unico e verdadeiro Sup.: Cons.: para o Brasil.

No segundo caso, admittindo-se que *ella* se refira á Grande Loja do Estado da Bahia, ainda se verifica a desconsideração a este Sob.: Sup.: Cons.:.

Com effeito, não se especificando o Rito (apesar do *commentario* da defeza declarar que a nova Grande Loja trabalharia no Rit.: de York) é claro que *todos os grãos symbolicos* concedidos pelo Grande Oriente do Brasil seriam tambem reconhecidos pela projectada Grande Loja.

Ora, sabido, como é, que os grãos symbolicos “*escocezes*” do Grande Oriente do Brasil são subordinados ao seu «supremo conselho», reconhecê-los importaria, pois, em reconhecer, indirectamente, o «supremo conselho» do Lavradio.

Ninguem, de boa fé, pôde admittir que a ignorancia maçônica dos que dirigem o Grande Oriente do Brasil fosse levada ao extremo (que tocaria as raias da imbecilidade) de reconhecer uma Grande Loja que, em troca, só lhe reconhecesse os grãos symbolicos de um Rito, cuja Officina Chefe—o Grande Capitulo do Rito York—é, como todos sabem, um *kisto* engravado na administração do Grande Oriente do Brasil, pois não está ainda bem claro a quem esse Capitulo presta obediência—si ao Grande

Oriente do Brasil, si á Grande Loja de Inglaterra.

O *commentario* feito pelo Ill.º e Pod.º Ir.º Octaviano de Menezes Bastos é, pois, apenas uma escapatoria infeliz, no sentido de querer convencer não se tratar de assumpto que affectasse a este Sob.º Sup.º Cons.º.

Resta, ainda, o ultimo aspecto da questão, aspecto este para o qual não ha justificativa possivel para o Ill.º e Pod.º Ir.º Octaviano de Menezes Bastos, na sua qualidade de Membro Effectivo deste Sob.º Sup.º Cons.º.

O Ill.º e Pod.º Ir.º Octaviano de Menezes Bastos *confessa* na sua defesa, que pretendeu crear uma nova Grande Loja, na Bahia, em opposição á existente e com o fim de adormecel-a.

Admittamos que não tivesse havido correspondencia entre o Ill.º e Pod.º Ir.º Octaviano de Menezes Bastos e o Ill.º Ir.º Dr. Pedro da Cunha e, mais, que aquelle tivesse esquecido que este, por ser o Grão Mestre Adjunto do Grande Oriente do Brasil, é o *Logar-Tenente Commendador* de seu «supremo conselho».

A creação de um novo Corpo Symbolico, no Estado da Bahia, para cuja obediencia se passassem Maçons de Altos Grãos, importaria em conduzil-os á irregularidade maçonica no symbolismo.

E' um erro crasso, em materia maçonica, suppôr que os Corpos dos Altos Grãos nada têm a vêr com o symbolismo. Os Altos Grãos não governam nem têm jurisdicção alguma sobre a Maçonaria Azul, mas só pôdem admittir como Membros a *Maçons Symbolicos Regulares*.

Para o nosso Sob.º Sup.º Cons.º, a *unica* Potencia Symbolica Regular, existente no Estado da Bahia e capaz de lhe fornecer Mestres Maçons para os Altos Grãos, é a Grande Loja Symbolica da Bahia. Retirar Maçons possuidores de Altos Grãos dessa Potencia Symbolica e arrastal-os a outra Potencia não considerada regular por este Sob.º Sup.º Cons.º. seria leval-os á irregularidade symbolica que lhes acarretaria, como immediata consequencia, a perda automatica dos Altos Grãos de que fossem portadores, de accordo com os Estatutos deste Sob.º Sup.º Cons.º, o que o Ill.º e Pod.º Ir.º Octaviano de Menezes Bastos não pôde, em absoluto, ignorar.

Foi, portanto, leviandade, além de desconsideração a este Sob.º Sup.º Cons.º, o que fez o referido Ir.º quando pretendeu arrastar IIr.º dos Altos Grãos para uma Potencia Symbolica irregular, privando este Alto Corpo do concurso desses prestimosos IIr.º que, confiados na competencia e na orientação maçonicas de seu Chefe, suppunham estar praticando um acto que não affectasse a este Sob.º Sup.º Cons.º, quando, de facto, o offendiam, mal orientados por aquelle a quem consideravam

verdadeiro mestre e que mais não foi do que um oppositor á orientação seguida inflexivelmente por este Sob.: Sup.: Cons.:.

O Ill.: e Pod.: Ir.: Octaviano de Menezes Bastos está em erro quando, apreciando attitudes de Maçons Symbolicos da Grande Loja da Bahia, declara-os *inimigos* dos Altos Grãos. É um direito que lhes assiste. Nenhum Maçon é obrigado a ir além do grão de Mestre-Maçon. O Maçon pôde ser *symbolico*, sem pertencer aos Altos Grãos; está no seu direito. O contrario é que não se pôde admittir, pois, *nenhum Maçon pôde ser de Altos Grãos sem ser, primeiro, maçon symbolico regular.*

Nenhum Sup.: Cons.: dá regularidade a nenhuma Grande Loja; mas todos elles têm o direito de *considerar regulares* taes ou quaes Grandes Lojas para nestas recrutar Maçons para os Altos Grãos.

De accordo com tudo o que está exposto e que, de sobra, esclarece não só a attitude do Ill.: e Pod.: Ir.: Octaviano de Menezes Bastos como a deste Sob.: Sup.: Cons.: a respeito do mesmo, é esta Commissão de opinião que a supplica dos Corpos Subordinados da Jurisdição da Bahia não pôde ser attendida.

Nunca esteve em fóco, em todo este caso, a probidade e honra do Ill.: e Pod.: Ir.: Octaviano de Menezes Bastos, como o mesmo declara em sua defeza. O que está em fóco é a conducta maçonica e doutrinaria desse Ill.: e Pod.: Ir.:, o qual, segundo a opinião desta Commissão, tornou-se passivel de censura, impondo-se, por isso, a sua não continuação no cargo para o qual foi eleito.

No entretanto, na sua Alta Sabedoria, o Sob.: Sup.: Cons.: resolverá como julgar mais conveniente.

\*  
\*\*

## AVISO UTIL

Rogamos aos nossos assignantes em atrazo o obsequio de satisfazerem o pagamento das respectivas assignaturas, afim de não nos vermos forçados a suspender-lhes a remessa, o que faremos a partir deste numero.

As remessas de metaes devem ser dirigidas ao Gr.: Thes.: do S.: L.:

DR. J. MOREIRA SAMPAIO

Caixa Postal n. 2486 — Rio de Janeiro

## Correspondencia Official

*Subl.: Cap.: R.: C.: "Oriente Escocez", n. 6*

*Vall.: de Campo Grande (Matto Grosso), 8 de Setembro de 1930*

**A todos os Corpos e Maçons Escocezes da Jurisdição Brasileira**

S.: S.: S.:

Desempenhando, com satisfação, um grato dever, venho trazer ao conhecimento dos Corpos e Maçons Escocezes do Brasil, que em Sess.: Mag.:, realisada no dia 6 do corrente mez, foi solemnemente empossada a nova Administração deste Capitulo, a que estão confiados os seus destinos no exercicio de 1930—1931, a qual ficou assim constituida :

Arth.:—Dr. José Jayme Ferreira de Vasconcellos, 30.:

1º Gr.: Vig.:—Dr. Horminio Pereira Mendes, 30.:

2º Gr.: Vig.:—Joaquim César, 30.:

Gr.: Orad.:—Francisco Trindade Marques, 30.:

Gr.: Secr.:—Victor M. Pace, 31.:

Gr.: Thes.:—Juvenal Vieira de Almeida, 18.:

Gr.: Hosp.:—Antonio de Albuquerque, 18.:

Gr.: Mest-Cer.:—Estevão Casal Caminha, 18.:

1º Exp.:—Rogelio Casal Caminha, 18.:

2º Exp.:—Jorge dos Santos Pereira, 18.:

Port-Est.:—Augusto Araujo Nogueira, 18.:

Guard.: do Temp.:—Cyriaco Maimone, 30.:

Cob.:—Theotonio Pires, 18.:

Approveito o ensejo para vos apresentar, em nome do Sub.: Cap.: ORIENTE ESCOCEZ, os protesto de fraternal amizade e solidariedade maçonica, formulando ao Sup.: Arch.: do Univ.: os nossos votos de

SAU'DE, PAZ E PROSPERIDADE

O Gr.: Secr.:

*Hyppolito, 31.:*

(Victor M. Pace).

[REDACTED]

# IN MEMORIAM

Pod.: Ir.: ISIDORO GONZA'LEZ, 33°

Memb.: Supranumerario do Sup.: Cons.: do Mexico

F. a 28 de Julho de 1930

[\*]  
\*\*

M.: Ill.: Ir.: Dr. ALBINO MARTINEZ DE LA GARZA, 33°

Memb.: Eff.: do Sup.: Cons.: do Mexico

F. a 21 de Agosto de 1930

\*\*  
\*

M.: Ill.: Ir.: DOROTEO TERÁN, 33°

Memb.: Eff.: do Sup.: Cons.: do Mexico

F. a 28 de Setembro de 1930

\*\*  
\*

M.: Ill.: Ir.: BELLA L. FRANK

Memb.: Eff.: do Sup.: Cons.: da Austria

[\*]  
\*\*

O Sup.: Cons.: do Gr.: 33° para o Brasil tributou a  
tríplice bateria de luto á memoria dos Ilr.:  
passados ao Or.: Eterno,

[REDACTED]

# QUESTIONARIO

*Veneravel* —(Minas Geraes)— Pensa o Ir. . que as syndicancias sobre profanos se devem limitar á investigação de provas “de sinceridade e valor intellectual do candidato”.

Não estamos de accordo, pois é muito pouca cousa. A perfectilidade dos candidatos não pode ser desprezada desde que se tenha em mente que a Maçonaria é instituição essencialmente iniciatica e que as Lojas são uma escola de perfeição e de aperfeiçoamento individual. Foi o que sempre se observou outr’ora, quando os candidatos eram iniciados “para receberem a LUZ” e se fortificarem n’um ideal que os guiasse no mundo profano.

Isso de consentir que as idéas politicas e religiosas dos candidatos venham imperar dentro dos Templos, sem que seus portadores se preocupem com o verdadeiro ideal maçônico e não procurem se deixar conscientemente invadir pelas luzes da iniciação, é inverter os papeis.

Os candidatos deveriam ser julgados pela possibilidade de aperfeiçoamento. Muitas Lojas se preocupam unicamente com as qualidades intellectuaes dos candidatos, ponto este que deve merecer certamente a nossa atenção. Embora não deixemos de attender a “um minimo” de valor intellectual, não podemos deixar de, por sinceridade, reconhecermos que, neste ponto, temos tido innumeradas decepções, porque é inegavel que ha muitos intellectuaes que não merecem ser recebidos entre nós. Já vê, pois, o Ir. . que temos razão quando, particularmente, lhe dissemos que não devemos, nas syndicancias, desprezar a “actividade moral”, força incontesteste do conseguimento do aperfeiçoamento.

[\*]  
\*\*

*Maçon Moderno* —(Pernambuco)— A crença em um PRINCIPIO CREADOR é uma das exigencias essenciaes para a entrada na Maçonaria. Embora a Maçonaria não se intrometta na forma particular da religião do candidato, exige, entrefanto, que a interpretação do symbolo esteja em directa relação com o que cada um, em sua religião, julgue estar de accordo com a



palavra revelada de seu Deus, do Principio Creador a que nós, em respeito a todas as religiões, chamamos—G. . A. . D. . U. . . E essa exigencia da conservação e da interpretação racional do symbolo é tão profunda que um atheu não póde absolutamente ser iniciado. A Maçonaria affirma a existencia desse Ser Supremo; não deixa á vontade do iniciado crêr ou não crêr. Eis porque todas as GGr. . LLoj. . regulares não reconhecem como regular e maçónico o Rito Moderno ou Francez. Este Rito si não nega claramente a existfencia de Deus, não a affirma tambem. Em Maçonaria não ha duvida sobre a crença em Deus, exigida tão positiva e claramente como ella o affirma.

Vê, pois, o Ir. . que o *seu afilhado*, atheu que é, não podia ser iniciado em qualquer Loja verdadeiramente maçónica. Felizmente para nós, Maçons regulares, elle foi recebido por uma Loja do Gr. . Or. . do Brasil e . . . . . está certo.

---

## NOTICIARIO

---

### SUECIA

O orphanato que a Gr. . Loj. . da Suecia sustenta foi edificado, ha mais de 70 annos, ás margens do Lago Melarn, fóra dos limites urbanos de Stockolmo.

Com o desenvolvimento da capital sueca, entrou nos limites urbanos. Consta de uma serie de edificios; um delles fóra o palacio do irmão de Rei Carlos XV; quatro pavilhões foram, pouco a pouco, erguidos. Contem 50 meninas e 120 meninos. E' um verdadeiro instituto profissional. Varios dos principaes alfaiates de Stockolmo educaram-se nesse instituto. Entram as creanças com 6 annos para o orphanato que deixam aos 16 ou 17. Creado em 1853, mais de 12.000 creanças a elle devem a sua educação. Nem todos são orphãos de MM. . . A miseria é rara na Suecia, principalmente entre os MM. . , recrutados sempre nas classes remediadas. O rei actual e seu antecessor, o rei Oscar II, muito interesse revelaram por essa instituição philantropica que chegaram a presidir. Está em construcção um novo Azylo, orçado em pois milhões de corôas.

## FRANÇA

Lojas que trabalham no Rit.º de York em França existem varias. Em Pariz, Neuilly, Rouen, Bordeaux, Lille, Boulogne, Dunkerke, Havre e Calais pode um Ir.º que só compreenda o inglez assistir aos trabalhos maçonicos. Em Pariz existe um Cap.º do Real Arco

## HAVAI

Foi um francez, Le Tellier, que, ha perto de 90 annos, fundou em Honolulu uma Loja—«Le Progrés de l' Oceanie», sob os auspicios do Sup.º Cons.º para a França e Dependencias. Em 1905; passou-se, com consentimento do mesmo Sup.º Cons.º, para a jurisdicção da Gr.º Loj.º da California com o nome de «Oceanie».

A principio funcionou a Loja á bordo do barco «Ajax», de propriedade de Le Tellier. Em 1852, passou a trabalhar no Temp.º da Loj.º «Havaiana», nº. 21 da jurisdicção da Gr.º Loj.º da California. Em 1857, o rei Kamehameka IV solicitou iniciacção na Maçonaria. Iniciado, offereceu, nessa noite, aos Ir.º presentes um banquete em palacio. No mesmo anno foi eleito Segundo Vigilante da Loja, da qual foi Veneravel no anno seguinte, sendo por elle nomeado Segundo Vigilante seu cunhado T. B. C. Rooke. Ainda no mesmo anno, John Dominis, nascido do Princeza Libano-Kalani, genro do rei Kamehameka, pediu sua iniciacção. Em 1858, David Kalakawa, irmão da princeza, solitou a iniciacção. O rei Kamehameka continuou na cadeira de Veneravel nos annos de 1859 a 1861. Em 1852, foi Veneravel o principe consorte, J. O. Dominis. Muitos acontecimentos de importancia se succederam, sempre a Loja tendo ido em franco progresso.

Havai possui, hoje, varias outras Lojas.

## ALLEMANHA

Para a creacção do Sup.º Cons.º da Allemanha, commettido aos SSup.º CCons.º da Hollanda e da Suissa pela Confederaçao de Paris, foram fundados, em Stuttgart, Munich, Berlim e Maunhein, Capitulos de Roza Cruz e um Conselho de Kadosh, em Berlim. Com esses Altos Corpos Escocezes, que lhe serviram de base, constituiu-se o Alto Corpo Escocez da Patria de Frederico, o Grande, um dos poucos paizes que ainda não possuíam nem praticavam o R. E. A. A.

## ESTADOS UNIDOS

Pelo fallecimento do Ir.º Royal Siedentopoff, Membro da «Henry L. Palmer Lodge», nº 301, recebeu esta um legado de

100.000 dollares (900 contos) para applicar em beneficio das viúvas e orphãos. Essa Loja é de Milwaukee, Wisconsin.

A' Gr.: Loj.: do mesmo Estado, o Ir.: John E. Korines legou uma apolice de seguro de vida no valor de 5.000 dollares, em beneficio de seu Hospital.

\*  
\*\*

No espaço de um mez, o Bureau de empregos da Maçonaria de Seattle, Washington, collocou nada menos de 101 Ir.: que a elle recorreram.

### REP. DOMINICANA

O Sup.: Cons.: da Republica Dominicana elegeu para o cargo de seu Sob.: Gr.: Comm.: o M.: Ill.: Ir.: H. Escobar e para o de Gr.: Secr.: o M.: Ill.: Ir.: Luiz E. Aybar Delgado.

### JAPÃO

Ha 66 annos, desde 1864, a Maçonaria existe no Japão, mas só em Junho de 1929 foi que a policia descobriu a existencia de um Centro Maçonico em Yokohama. No entanto, a Gr.: Loja.: já existia desde o setimo mez de Meiju' (1866), quando ali aportou o 20º regimento inglez. Um official desse Regimento, irlandez de origem, cujo nome não nos foi possivel descobrir, fundou a Gr.: Loj.: que ficou sob os auspicios da "British Ancient and Free and Accepted Grand Lodge".

Grande foi a acção do Governo nippon para abatel-a e exterminal-a por completo. Nada, porém, pode fazer porque, sobre ter sido organisada naquella época, contava ella com fortes e valorosos elementos; assim, achou melhor permittir, tacitamente, a sua existencia.

Devido ás leis do Paiz e ás crenças do povo japonéz, essa Gr.: Loj.: não teve rapido progresso, pois seus membros eram recrutados entre os negociantes estrangeiros, não conseguindo iniciação de um unico elemento nacional.

Em consequencia da Grande Guerra, enorme tem sido o adeantamento da Maçonaria no Japão, visto o governo haver cessado as suas perseguições contra ella.

No decimo anno de Taisho, o numero de Membros da Maçonaria era de cem, mas, em 1929, existia já um effectivo de 400 Membros, assim distribuidos :

|          |                  |              |
|----------|------------------|--------------|
| Yokohama | ...2 Lojas.....  | 134 obreiros |
| Tokio    | .....1 Loja..... | 67 obreiros  |
| Kobe     | .....1 Loja..... | 30 obreiros  |
| Osaka    | .....2 Lojas.... | 134 obreiros |
| Nagasaki | ....1 Loja.....  | 35 obreiros. |

Na Coréa existe a Loj.: "Kanyo" com regular effectivo e destinada a difundir a "luz da verdade" naquella região.

## Os Mystérios Antigos

## e a Maçonaria Moderna

(Continuação do n. 8)

O celebre theosopho Leadbeater descreve as iniciações egypcias da maneira seguinte: — «Ataviavam o candidato com uma tunica branca, symbolo da pureza a que devia aspirar; em seguida o conduziam a uma caverna onde, deante de um conclave de sacerdotes — iniciados, devia demonstrar que possuía a faculdade da clarividencia (que, tempos antes, lhe haviam ensinado a desenvolver), para o que tinha que ler a inscripção de um escudo de bronze, tendo voltada para elle a parte que se encontrava em branco. Depois se lhe deixava a sós, para que aguardasse uma especie de vigilia, durante a qual recitava certas palavras Kabbalisticas que lhe haviam ensinado com o fim de dominar certa classe de entidades... Ha certas ceremonias egypcias muito interessantes... Em certa etapa de sua evolução, o candidato jazia sobre uma cruz e, depois de determinadas ceremonias, cahia em transe. — Seu corpo era levado aos subterraneos do templo ou pyramide, enquanto elle descia ao Hades ou mundo inferior, ou segundo nossa nomenclatura, moderna, passava ao plano astral. Alli soffria multiplas experiencias, consistindo parte do seu trabalho em predicar aos espiritos aprisionados. Permanecia neste transe durante tres noites e tres dias, o que representava as tres rondas e os intervallos que existem entre ellas, durante as quaes o homem realisa a sua primeira evolução e desce á materia. Depois de passar «tres dias e tres noites no coração da terra», ao alvorecer do quarto dia o candidato se levantava e resuscitava dentre os mortos... isto é, seu corpo era retirado da crypta e collocado de modo que os raios do sol lhe dessem no rosto, com o que despertava. Isto symbolisava o despertar do homem no quarto caminho e o começo de sua ascensão no arco evolutivo» (1).

Segundo Pietschman, os Mystérios Egypcios dividiam-se em tres grãos chamados *Mortaes*, *Intelligencias*, *Creadores da Luz*. Os *Mortaes* eram os discipulos que, no periodo de provas, eram instruidos na doutrina e ainda não haviam conseguido adquirir a visão interior. A's *intelligencias* pertenciam os que, tendo alcançado a visão interior, haviam recebido a Mente e se tinham convertido em homens. Os *credores da Luz* eram os que se tinham unificado com a Luz, possuindo a verdadeira consciencia

espiritual. Marsham Adams chama a estas tres etapas: Iniciação, Illuminação e Perfeição. Este ultimo estado, que se podia alcançar embora vivendo no corpo physico, exigia que o candidato tivesse a consciencia da vida *post mortem*.

Os antigos templos egypcios de iniciação representavam a «Jerusalém Celeste» ou a construcção do mundo, segundo a expressão judaica. Adams assim descreve o templo de Dendera: «No centro do templo fica a sala do Altar, para a qual se entra pelo Oriente e pelo Occidente. Por detraz dessa sala, se acha a grande sala do templo denominada a Sala do Menino no Berço, que dava acesso ao sanctuario secreto onde o Summo Sacerdote entrava, uma vez por anno, durante a noite central do verão». (2) Existiam, tambem, outras camaras e salas, chamadas a Sala dos Raios Dourados, a Camara do Ser de Ouro, a do Nascimento, a Mansão do Ser de Ouro e a Camara das Chamas, todas se relacionando com os Mystérios da Luz e do Divino Nascimento. «A sala principal do templo era a Sala do Menino no Berço e a representação mais importante do planiphario era a Santa Madre com seu Filho nos braços». (2).

### Os Mystérios Hindús

Os Mystérios da India celebravam-se em templos talhados na rocha, em pyramides e em sombrios pagodes. O templo de Elephanta, que talvez seja o mais antigo do mundo, tem cento e trinta e cinco pés quadrados, e oitenta de altura; apoia-se em quatro solidos pilares e suas paredes estão cobertas de estatuas e decorações emblematicas. Os templos de Salsette, apesar de serem edificados em rocha, são mais sumptuosos e imponentes que o de Elephanta. Sua forma externa é pyramidal. Em seu interior ha muitas galerias e cavernas secretas, existindo, no mais recondito do templo, uma «caixa cubica» ou sepulchro, onde se collocava o candidato durante o seu transe.

Em sua Historia das Iniciações, o Dr. Oliver descreve a iniciação por esta forma:

Os Mystérios dividiam-se em quatro grãos. A primeira prova podia ser praticada pelo candidato na tenra idade de oito annos e consistia em revestir o menino com o Zennar ou cinto sagrado de tres fios, o que se fazia com muitas ceremonias, terminando por uma longa predica feita pelo preceptor. Depois vestiam o candidato com uma tunica de linho sem costuras, collocando-lhe um cordão sobre a orelha direita. Desde então ficava sob a vigilancia de um Brahmin que o preparava para o segundo grão. Então, submettiam-no a uma vida austera, cheia de penitencias; exigiam-lhe que se conservasse em pureza corporal, que evitasse as contaminações externas e que dedicasse

grande parte do dia ao estudo dos livros sagrados. Aos vinte annos, si conseguira grandes progressos no primeiro gráo, submettiam-no ás provas para passar ao segundo, nas quaes os rigores duplicavam. Terminada estas, se o iniciava nos privilegios dos Mystérios. Santificado pelo signal da cruz, que haviam traçado em todas as partes de seu corpo, passava á prova de Pastos, denominada a porta de Patala ou do inferno — o Tartaro dos Mystérios gregos — na qual se figurava a morte mystica. Uma vez alcançada a perfeição exigida no periodo probatorio, o candidato era levado, ao amanhecer, á caverna preparada para recebello cujo interior estava tão illuminado como si recebesse a luz do dia. Alli se encontravam os grandes hierophantes, cobertos de sumptuosas vestes e sentados no Oriente, Occidente e Sul, representando a Triada Sagrada: Brahma, Vishnú e Siva, e rodeados dos mystagogos auxiliares. Ao soar de uma campainha, o candidato devia se collocar ao centro da augusta assembléa. A cerimonia começava com um anathema e uma invocação. Depois do candidato haver prestado o juramento, era baptisado com agua e recitavam-lhe um *mantram*. Em seguida, tiravam-lhe os sapatos, para que a terra santa não fosse contaminada, e o faziam dar tres voltas pelo templo, exclamando, a cada vez que chegava no Sul: «Eu imito o exemplo do Sól e sigo seu curso benfazejo». São estas as origens da preparação do candidato, das viagens e de outros actos em uso na Maçonaria moderna.

Terminadas as circumvoluções, o candidato ficava sob a vigilancia de um guia espiritual, que lhe ordenava guardar silencio em todas as ceremonias seguintes. Depois mandavam-no atravessar sete tenebrosas e medonhas cavernas, nas quaes resoavam estrepitosos gemidos e lamentações, interrompidos por uma subita explosão, tão violenta, que parecia o desabar de montanhas. Relampagos passavam velozes ante seus olhares e, para logo, tudo ficava, de novo, ás escuras. Gradualmente, á medida que seus olhos se acostumavam á escuridão, ia distinguindo diversas formas fantasticas, seres de numerosos braços e pernas ou desprovidos delles, que o enchiam de horror e que representavam a geração dos deuses e outros sagrados mysterios.

Mais tarde, o candidato representava Vishnú e seus numerosos avatares.

Na quinta manifestação, o candidato dava tres passos em anglo recto que recordam os passos do gráo de Mestre da Maçonaria actual. Todas essas experiencias tinham por fim ensinar-lhe determinadas verdades. As sete cavernas, por exemplo, alludiam á divisão septenaria do mundo invisivel, os sete lugares de recompensa e de castigo,

Terminadas as provas, businava um caracol marinho, as portas abriam-se de par em par e o candidato era levado aq

Paraiso, que consistia em uma espaçosa sala illuminada por milhares de luzes, adornada de estatuas e figuras symbolicas e profusamente decorada com riquissimas joias e pedras preciosas. Com os olhos fitos no Altar, o candidato esperava a descida da Divindade no fogo deslumbrante. Tão magnifico espectáculo enchia o aspirante de admiração e augmentava o fervor de seu coração. E, quando regenerado por completo o candidato, davam-lhe um novo nome que lhe recordasse a pureza recentemente alcançada e o apresentavam, na Grande Assemblêa, ao chefe dos Brahmistas, que o recebia como irmão; revestia-o de uma tunica branca e de thiara; convidava-o a sentar-se em um logar elevado e ensinava-lhe os signaes, os toques e a leitura secreta da Ordem. Marcava-lhe a fronte com uma cruz. Em seu peito traçavam um *tau*, como symbolo da innocencia e da vida eterna. Collocavam-lhe o cinto sagrado e, por fim, confiavam-lhe o nome sublime só conhecido pelos iniciados. Em seguida, o Archibrahmin explicava-lhe os differentes emblemas que se viam pela Camara, correndo, assim, o véo do Mysterio.

Nos Mysterios da India, ensinava-se, tambem, um systema symbolico, cuja symbolologia se velava com signaes hieroglyphicos impenetraveis e inintelligiveis aos profanos, que nelles viam apenas confusos erros, dos quaes lhes era impossivel deduzir uma unica idéa que parecesse com a verdade original. Esses symbolos se ostentavam publicamente nos templos, revelando esplendida luz aos iniciados, emquanto que para os profanos não passavam de uma obscura massa de inintelligiveis trevas. (3)

### Os Mysterios Persas

Os Mysterios Persas ou de Mithra são dos mais importantes da Antiguidade. Conta-se que até o proprio Pythagoras foi á Persia para receber a iniciação das mãos dos hierophantes persas.

Os candidatos se preparavam para a iniciação com lustrações e quarenta dias de provas, em seguida as quaes jejuavam durante cincoenta dias. Soffriam essas provas em uma caverna subterranea, na qual o candidato devia guardar absoluto silencio. Concluida esta prova, o neophyto era reconduzido á Camara da Iniciação, onde o recebiam collocando a ponta de uma espada sobre a parte esquerda de seu peito desnudo. Depois o levavam á Camara interna, onde era purificado pelo fogo e pela agua, para proseguir as sete etapas iniciaticas, descriptas, pelo Dr. Oliver, do modo seguinte: "Do alto do precipicio em que se achava, via um profundo subterraneo tão perigoso que um passo falso bastaria para precipital-o no throno da terrivel ne-

cessidade, representativa das regiões infernaes por onde, para logo, ia passar. Atemorizado pelos perigosos labyrinthos da sombria caverna, via, de quando em quando, relampaguear o fogo sagrado que, por instantes, illuminava o seu caminho, irrompendo a luz ás vezes sob seus pés e outras vezes sahindo do zenith como uma lugubre chama. Rapido o terror substituia a sua admiração, pois escutava uivos de animaes selvagens, o rugir dos leões, o alarido dos lobos e o latir ameaçador dos cães. Sentia ancias de fugir dalli; seu guia, porém, que permanecia sempre em silencio, empurrava-o para frente, para onde se ouvia o estrepido ameaçador. Em seguida uma porta abria-se e o iniciado entrava no antro das feras, fracamente illuminado por uma luz vascillante e tremula. Seu guia o incitava a ter valor, enquanto uma turba de iniciados, disfarçados em leões, tigres, lobos, abutres e outras terrives alimarias, o atacavam em meio dos mais desconcertantes rugidos. Da terra surgiam ferozes cães que procuravam acovardar o aspirante; por mais valente que se mostrasse em tal occasião, nunca sahia illeso de tão extravagante quão espantosa aventura.

Accossado de uma a outra caverna, via-se obrigado a fugir das trevas. Um silencio de morte reinava, então, nos antros, enquanto o candidato caminhava ás tontas, cautelosamente, sob a dôr cruciante das feridas. Para logo, porém, deixava de pensar em suas dores para fixar sua attenção em novos perigos. Atravez da fila de cavernas se approximava um rumor surdo e crescente que terminava pelo ribombar de horrisono trovão, tão formidavel que parecia que as cavernas se iam destruir e as montanhas se desmoronarem. A luz de ameaçadores relampagos se divisavam as sombras fugazes dos genios que se lançavam aggressivos contra o intruso. Mil scenas parecidas a esta se repetiam até que o aspirante, cahindo exausto, era transportado para uma habitação perfumada e profusamente illuminada, onde podia recuperar suas forças. Ao som de melodiosas musicas, iam-se acalmando as emoções do neophyto, enquanto seu guia, sentado commodamente, explicava-lhe os elementos daquelles inapreciaveis segredos, cuja explicação sobre seu significado se completava ao terminar a iniciação.

Refeito o candidato, se lhe perguntava si estava disposto a supportar as seguintes provas. Si respondia affirmativamente, o guia fazia um signal e, immediatamente, appareciam tres sacerdotes, um dos quaes lançava uma serpente ao peito do candidato como symbolo de regeneração. Abria-se uma porta secreta dando passagem a desesperados lamentos que infundiam pavor no mais forte animo. O candidato, volvendo os olhos para donde procediam os gemidos, contemplava os tormentos que soffrem os máos no Hades. Retirando os olhares dessa scena de horro-



rês, era levado por outras cavernas e galerias até que encontrava a saída do labyrintho, depois de ter passado por seis espaçosas cavernas, unidas entre si por galerias em caracol, para cada uma das quaes se entrava por estreito portal ao perigo de uma aventura. E, tendo sahido triumphante de tantas difficuldades e perigos, graças á sua perseverança e fortaleza, se abriam de par em par as portas da setima caverna ou *Sacellum* e as trevas davam passagem á luz, sendo admittido na grande caverna já descripta, denominada a *Gruta Sagrada do Elyseu*, camara profusamente illuminada, cheia de pedras preciosas e coberta de ouro. Um sol esplendido, com seu systema estellar, lançava sua poderosa luz movendo-se aos sons de musicas celestes. No Oriente se sentava o Archimago sobre um throno de ouro bruniço, coroado com um rico diadema, adornado de ramos de myrtho e vestido com uma tunica azul. Em torno delle se achavam os Presulos, dispensadores dos mysterios, formando tão imponente conjuncto que o aspirante cahia de joelhos ante elles. Alli o recebiam com alegria; todos o felicitavam e, depois do juramento de guardar em segredo os ritos sagrados de Mithra, confiavam-lhe as palavras secretas, das quaes o ineffavel Tetractis ou o Nome de Deus era a mais importante". (4)

Para logo intruiam o neophyto no segredo da sciencia; explicavam-lhe a significação dos emblemas, a representação moral dos perigos passados. Nada haviam feito sem uma intenção, pois cada experiencia representava alguma verdade ou successo da natureza.

Em conferencias posteriores, explicaremos tudo isso.

Basta que, agora, digamos que o mysterio de Mithra era identico ao de Christo: o mysterio da perfeição humana e sua final apotheose.

"A ultima palavra dos ritos mithricos consistia no segredo da regeneração, no renascer espiritualmente; em uma palavra, na divinisação do homem, que era o unico segredo de todos os Grandes Ritos dos Mysterios e de suas artes e o unico real e positivo". (5)

Recentemente descobriu-se um ritual que se refere ao mysterio da apotheose empregado nos circulos mais adeantados do Mithraismo. E' um "rito yoguico", que vae muito mais além dos grãos inferiores da Iniciação. Iniciação não quer significar consumação, mas começar alguma cousa. O candidato devia "romper as ligaduras" nas ultimas etapas do rito de Mithra. (6)

Nos Mysterios, além dos ritos iniciaticos já descriptos, se davam os mesmos sacramentos que na igreja chiistã.

Justino Martyr dizia, no anno 150 de J. C., que os demonios haviam imitado a Eucharistia christã nos Mysterios de Mithra, porque nestes se offertava pão e um calix cheio de vinho

recitando-se formulas mysteriosas. (7)

Tertuliano disse, ao referir-se aos Mysterios de Mithra, no anno 220 de J. C.: “Tambem ella baptisava a alguns, isto é, a seus crentes e fieis proselytos; ella lhes promettia livrar dos peccados, e, si minha memoria não me é infiel, Mithra (no reino de Satanaz) marca a fronte de seus soldados, celebra tambem a oblação do pão, ingere uma imagem da resurreição e, deante de uma espada, trança uma corôa”. (8)

Tertuliano explica todas essas semelhanças dizendo que o demonio se anticipou, perversamente, a Christo, pre-imitando o que este ia fazer. Quem, porém, esteja em seu juizo perfeito não pôde acceitar que existam copias mais antigas que os originaes.

Mais adeante veremos qual foi a origem dessas semelhanças.

Assim, pois, nos mysterios egypcios, hindús, gregos e persas existia um systema de cultura religiosa e de educação, que teve suas origens ha milhares de annos e no qual se conservou, durante muitos seculos, na Palavra do Mestre, a qual se communicava aos que estivessem sufficientemente adeantados.

Estas instrucções foram o assombro do mundo, pelo que não devemos extranhar que os homens da antiguidade tanto as exaltassem.

(Continúa)

- (1)—Vislumbres de Ocultismo.
- (2)—The Book of the Master, or the Egyptian Doctrine of the Light Born to the Virgin Mother—Adams, pag. 24.
- (3)—Oliver's History of Initiations, cap. II.
- (4)—History of Initiation de Oliver, cap. IV.
- (5)—Mysteries of Mithra, Mead, pag. 47.
- (6)—Leia-se A Mithraic Ritual, por G. R. S. Mead.
- (7)—Primeira Apologia de Justino Martyr, tomo II, secções LIV, LXII, LXVI; Segunda Apologia, Secc. XIII.
- (8)—Prescription Against Heretics, cap. XL.

# A infalibilidade do Papa

*Discurso pronunciado, no Concilio Ecumenico de  
1870, pelo Bispo Strossmayer.*

(Continuação)

Esses mesmos bispos, no 6º Concilio de Carthago, celebrado sob a presidencia de Aurelio, que o era da mesma cidade, escreveram a Celestino, Bispo de Roma, admoestando-lhe que não recebesse appellações dos bispos, sacerdotes e clérigos de Africa; que não enviasse mais delegados ou commissarios e que não introduzisse o orgulho humano na Igreja.

Que o Patriarcha de Roma havia, desde os primeiros tempos, procurado chamar a si toda a autoridade é um facto evidente, como evitente é que não possuia a supremacia que os ultramontanos lhe attribuem. Si a houvesse possuido, ousariam os Bispos de Africa, S. Agostinho entre elles, prohibir appellações para os decretos de seu supremo tribunal?

Reconheço, entretanto, que o patriarcha de Roma occupava o primeiro posto. Uma das leis de Justiniano diz: «Mandamos, conforme decisão dos quatro Concilios, que o Santo Papa da antiga Roma seja o primeiro dos Bispos e que sua Alteza o Arcebispo de Constantinopla, que é a nova Roma, seja o segundo».

Inclina-te, pois, á soberania do Papa, me direis!

Não chegueis tão presurosos a esta conclusão, Veneraveis Irmãos, pois a lei de Justiniano traz escripto no frontispicio: «Da ordem das Sédes Patriarchaes». Precedencia é uma cousa e Poder de Jurisdição é outra. Si, por exemplo, se reunisse, em Florença, uma Assembléa de todos os Bispos do Reino, a presidencia caberia, naturalmente, ao Primaz da Florença, assim como, entre os orientaes, se a concederia ao Patriarcha de Constantinopla e, na Inglaterra, ao Arcebispo de Cantorbery; mas, nem o primeiro, nem o segundo, nem o terceiro poderia inferir de sua posição uma jurisdição sobre seus companheiros.»

A importancia dos Bispos de Roma procede não de seu poder divino, mas da importancia da cidade em que tem séde. Monsenhor Darboy não é superior em dignidade ao Arcebispo de Avignon, mas, não obstante, Paris lhe dá uma consideração de que não gozaria si, em vez de ter seu palacio nas margens do Senna, o tivesse nas do Rhodano. Isto é uma verdade não só nas hierarchias religiosas como, tambem, em assumptos civis e politicos. O Prefeito de Florença não é mais do que um Prefeito como o de Pisa, mas, civil e politicamente, é de maior

importancia.

Já disse que, desde os primeiros seculos, o Patriarcha de Roma aspirava o governo universal da Igreja e, desgraçadamente, quasi o conseguiu; não alcançou suas pretensões justamente porque o Imperador Theodosio II baixou uma lei estabelecendo que o Patriarcha de Constantinopla tivesse a mesma autoridade que o de Roma.

Os Padres do Concilio de Calcedonia collocam os Bispos da antiga e nova Roma na mesma categoria em todas as cousas, inclusive as ecclesiasticas. O sexto Concilio de Carthago prohibio a todos os Bispos de se arrogarem o titulo de Pontifice dos Bispos, ou de Bispos Soberanos.

Quanto ao titulo de *Bispo Universal* que, mais tarde, se arrogaram os Papas, S. Gregorio I, julgando que seus successores nunca pensariam em adornar-se com elle, escreveu estas palavras: «Nenhum de meus predecessores consentio em aceitar este titulo profano porque, quando um Patriarcha se arroga o nome de *Universal*, o character de patriarcha soffre descredito. Longe esteja, portanto, dos christãos o desejo de se darem titulos que causam descredito a seus irmãos».

S. Gregorio dirigio a seu collega de Constantinopla, que pretendia arvorar-se em primaz da Igreja, estas palavras: «Não nos importemos com o titulo de universal que João tomou illegalmente e nenhum dos Patriarchas disso se arrogou, porque quantas desgraças se deveriam esperar si, entre os sacerdotes, se suscitassem taes ambições? Lograriam o que delles se tem dito: —E' o rei dos filhos do orgulho». O papa Pelagio II chama a João, Bispo de Constantinopla, que aspirava o Summo Pontificado, de «impio e profano».

Essas autoridades, e poderia citar cem mais e de igual valor, não provam, com uma claridade semelhante ao resplendor do sól no zenith, que os primeiros Bispos de Roma só foram reconhecidos como Bispos universaes e chefes da Igreja muito posteriormente? E, por outro lado, quem ignora que, desde o anno de 325, em que se celebrou o primeiro Concilio Ecumenico de Constantinopla, entre mais de 1.100 Bispos que assistiram aos seis primeiros Concilios geraes, não se achavam presentes mais de 19 Bispos do Occidente?

Quem ignora que os Concilios foram convocados pelos Imperadores sem sequer lhe dar conhecimento e, frequentemente, até em opposição aos desejos do Bispo de Roma? E que Osio, Bispo de Cordoba, presidio o primeiro Concilio de Sardica e excluiu o delegado de Julio, Bispo de Roma?

Não farei mais citações, Veneraveis Irmãos, e passo a tratar do grande argumento a que, anteriormente, se referio um de vós para estabelecer a primacia do Bispo de Roma.

Pela pedra, sobre a qual a Santa Igreja está edificada, entendeis que é Pedro. Si isto fôra verdade, a disputa estaria terminada, mas nossos antecessores (e certamente deveriam saber alguma cousa) não opinam como vós sobre este ponto.

S. Cyrillo, em seu quarto livro sobre a Trindade, diz: «Creio que por pedra deveis entender a fé inabalavel dos Apostolos». S. Hilario, Bispo de Poitiers, em seu segundo livro sobre a Trindade, disse: «A pedra é a bendita e unica pedra da fé, confessada pela bocca de S. Pedro». E, no sexto livro da Trindade, disse: «Nesta pedra da confissão da fé sobre a qual está edificada a Igreja». Dime, diz S. Jeronymo no sexto livro sobre S. Matheus, fundou sua Igreja sobre esta pedra e é esta a pedra de que o Apostolo Pedro foi appellidado. De accordo com elle, S. Chrisostomo disse, em sua humilia 55, sobre S. Matheus: «Sobre esta pedra edificarei minha Igreja, isto é, sobre a fé da confissão». Pois bem, qual a confissão do Apostolo? Eil-a aqui: «Tu és Christo, o filho de Deus vivo».

Ambrosio, o santo Arcebispo de Milão, sobre o segundo capitulo da Epistola aos de Ephesos, S. Braulio de Selencia e os padres do Concilio de Calcedonia ensinaram precisamente a mesma doutrina. Entre os doutores da antiguidade christã, S. Agostinho occupa um dos primeiros postos por sua sabedoria e santidade. Ouvi, pois, o que elle escreve sobre a primeira Epistola de S. João: «Que significam estas palavras: *edificarei minha Igreja sobre esta pedra?* Sobre esta fé, sobre isso que me dizes: *Tu és Christo, o filho de Deus vivo*». Em seu tratado 124 sobre S. João, encontramos esta muito significativa phrase: «Sobre esta pedra, que tu confessaste, edificarei minha igreja, pois que Christo mesmo era a pedra». O grande Bispo acreditava tão pouco em ter sido a Igreja edificada sobre S. Pedro que disse ao seu gremio, no sermão 13: «Tu és S. Pedro e sobre esta pedra que confessaste, sobre esta pedra que reconheceste dizendo: «Tu és o Christo, o filho de Deus vivo», edificarei a minha Igreja; sobre mim mesmo que sou filho de Deus, a edificarei e não sobre ti».

O que S. Agostinho ensina, sobre esta celebre passagem, era a opinião de todo o mundo christão de seu tempo.

De tudo isto, resumindo, deduzo: 1.º — que Jesus deu a seus Apostolos o mesmo poder que a S. Pedro; 2.º — que os Apostolos nunca reconheceram em S. Pedro o Vigario de Jesus Christo e o infallivel doutor da Igreja; 3.º — que o proprio S. Pedro nunca pensou ser Papa nem nunca obrou como si Papa fosse; 4.º — que os Concilios dos quatro primeiros seculos, quando reconheciam a alta posição que o Bispo de Roma occupava na Igreja pelo facto de estar em Roma, somente lhe outorgavam uma preeminencia honirifica, nunca, porém, poder e ju-

risdição ; 5.º — que os Santos Padres, na formosa passagem : — «Tu és Pedro e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja», nunca entenderam que a Igreja estava edificada sobre Pedro (*super Petrum*) mas sobre a pedra (*super petram*) isto é, sobre a confissão de fé do Apostolo.

Concluo, victoriosamente, de accordo com a historia, a razão e a logica, no bom sentido e em consciencia christã, que Jesus Christo não deu supremacia alguma a S. Pedro e que os Bispos de Roma só se constituíram em soberanos da Igreja confiscando, um por um, todos os direitos do episcopado.

(*Voses : Silencio, insolente protestante, silencio !*)

Não sou um protestante insolente! Não, mil vezes não! A historia não é catholica, nem anglicana, nem calvinista, nem luterana, nem ariana, nem grega, nem schismatica, nem ultramontana. É o que é, isto é, alguma cousa mais poderosa que as confissões de fé, que todos os canones dos Concilios Ecumenicos. Podereis, si ousardes, escrever alguma cousa contra ella, mas não podereis destruil-a, como, retirando um ladrilho do Coliseu, não podereis derribal-o. Si affirmei alguma cousa que a historia diga ser falso, ensinai-me com a historia, e eu farei, sem vacillar um momento, a mais sincera apologia. Tende, porém, paciencia e vereis que, entretanto, não disse quanto quero e posso; si a fogueira funebre me esperasse na Praça de S. Pedro, eu não me callaria, porque sinto necessidade de proseguir.

Monsenhor Dupanloup, em suas celebres observações sobre este Concilio do Vaticano, disse, e com razão, que, si declararmos Pio IX infallivel, devemos, necessariamente, por logica natural, vermo-nos obrigados a sustentar que todos os seus predecessores foram, tambem, infalliveis.

E, entretanto, Veneraveis Irmãos, a Historia, neste ponto e com a sua voz autorisada, ergue-se assegurando-nos que alguns Papas erraram. Podeis protestar contra isso ou negal-o, si vos apraz, mas eu vol-o provarei.

(*Continúa*).

# NOMINATA

*Dos SSob.: GGr.: Insp.: GGer.:, Membros Effectivos  
do Sob.: Sup.: Cons.: para o Brasil, com as  
respectivas antiguidades*

|                                                      |      |
|------------------------------------------------------|------|
| 1—Dr. Mario Behring.....                             | 1907 |
| 2—Antonio Joaquim Rebello.....                       | 1909 |
| 3—Manoel Antonio de Moura Machado.....               | 1909 |
| 4—Capitão João Marinho da Cruz.....                  | 1910 |
| 5—Dr. Manoel Gonçalves Pecego.....                   | 1912 |
| 6—Capitão Antonio Maria Senand Belém.....            | 1914 |
| 7—Almirante Verissimo José da Costa.....             | 1914 |
| 8—Julio Augusto Moreira da Silva.....                | 1914 |
| 9—Manoel Francisco Gomes.....                        | 1914 |
| 10—Dr. Amaro Arthur de Albuquerque.....              | 1921 |
| 11—Dr. Bernardino de Almeida Senna Campos.....       | 1922 |
| 12—Gen. Dr. Joaquim Moreira Sampaio.....             | 1923 |
| 13—Dr. Carlos Reis (S. Paulo).....                   | 1926 |
| 14—Dr. Gaspar Antonio Vieira Guimarães (Amazonas) .. | 1926 |
| 15—Dr. Mario Carneiro do Rego Mello (Pernambuco).... | 1926 |
| 16—Coronel Apollinario Pinheiro Moreira (Pará).....  | 1927 |
| 17—Dr. José Mattoso Maia Forte.....                  | 1927 |
| 18—Dr. Carlos de Castro Pacheco.....                 | 1928 |
| 19—Dr. Hugo Martins Ferreira.....                    | 1928 |
| 20—Comt. Esculapio Cesar de Paiva.....               | 1928 |
| 21—Almirante Arthur Thompson.....                    | 1928 |
| 22—Dr. Alvaro de Figueiredo.....                     | 1929 |
| 23—Augusto Simões (Parahyba).....                    | 1929 |
| 24 a 33 — <i>vagos.</i>                              |      |

## *Membros do Sacro Collegio*

1927 - 1932

|                             |                                   |
|-----------------------------|-----------------------------------|
| Sob.: Gr.: Comm.:.....      | Dr. Mario Behring                 |
| Lug.: Ten.: Comm.:.....     | Dr. Bernardino de A. Senna Campos |
| Gr.: Secr.: do S.: I.:..... | Dr. Amaro Arthur de Albuquerque   |
| Gr.: Chanc.:.....           | Comt. Esculapio Cesar de Paiva    |
| Gr.: Thes.: do S.: I.:..... | Gen. Dr. Joaquim Moreira Sampaio  |
| Gr.: Min.: de Estado... ..  | Capitão João Marinho da Cruz      |
| Gr.: Min.: das RR. EExt. .  | Alm. Verissimo José da Costa      |
| Gr.: Hosp.:.....            | Manoel Antonio de Moura Machado   |
| Gr.: Mest.: de CCer.:.....  | Dr. Manoel Gonçalves Pecego       |
| Gr.: Port. Est.:.....       | Manoel Francisco Gomes            |
| Gr.: Port.: Esp.:.....      | Antonio Maria Senand Belém        |
| Gr.: Cap.: das GG.:.....    | Dr. Alvaro de Figueiredo          |
| Gr.: Secr.: Adj.:.....      | Dr. Hugo Martins Ferreira         |
| Gr.: Thes.: Adj.:.....      | Dr. Carlos de Castro Pacheco      |
| Gr.: Mestr.: CCer.: Adj. .  | Antonio Joaquim Rebello           |

## *Membros Emerites*

|                                      |      |
|--------------------------------------|------|
| Alberto Gracie.....                  | 1926 |
| Nicolau Alotti.....                  | 1930 |
| Antonio Olavo de Lima Rodrigues..... | 1930 |

## *Membros Emeritos de Honra*

|                                                                   |
|-------------------------------------------------------------------|
| Dr. Alejandro Sorondo — Ex-Sob.: Gr.: Com.: para a Rep. Argentina |
| John H. Cowles—Sob.: Gr.: Comm.: da Jur.: Sul dos E. U. A.        |
| Armand Anspach-Puissant—Sob.: Gr.: Comm.: para a Belgica.         |

